

Capa: Fernando Cornacchia
Foto: Renato Testa
Copidesque: Maria Botelho de Vasconcelos
Revisão: Lúcia Helena L. Morelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corpo, mulher e sociedade / Elaine Romero (org.). -- Campinas, SP : Papirus, 1995. -- (Coleção corpo e motricidade).

Bibliografia.
ISBN 85 308 0363-9

1. Aptidão física feminina 2. Corpo humano — Aspectos sociais 3. Educação física feminina 4. Educação física — Filosofia I. Romero, Elaine. II. Série.

95-3326

ODD-613.7045

Índices para catálogo sistemático:

1. Corpo feminino : Educação física : Aspectos sociais 613.7045

*Para todas as mulheres como você, que luta,
chora, segura a "barra" de ser mulher, e que
defende nossa visibilidade num mundo de
constante opressão e de injustiça.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda — Papirus Editora —
Matriz - F.: (0192) 31-3534 e 31-3500 - C. P. 736 - CEP 13001-970
Campinas — Filial - F.: (011) 570-2877 - São Paulo - Brasil.

Proibida a reprodução total ou parcial. Editora afiliada à ABDOR.

- KOPES, Suelly. "E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala?" In: Heloisa T. Bruhns (org.). *Conversando sobre o corpo*. 5ª ed., Campinas, Papirus, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991.
- LIMA, Magali A. *Formas arquiteturais no Estado Novo*. Rio de Janeiro, Funarte, 1979.
- MACEDO, Carmen C. "Algumas observações sobre a questão da cultura do povo". In: E. Valle e J.J. Queiróz (orgs.). *A cultura do povo*. 3ª ed., São Paulo, Cortez, 1985.
- PRADO, Rosane M. "Um ideal de mulher: Estudo dos romances de M. Delly". In: Franchetto et alii (org.) *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- RODRIGUES, José C. *Tabu do corpo*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1979.
- SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica". In: *Revista Educação e Realidade*, nº 2, jul./dez. de 1990, vol. 15.
- SÉRGIO, M. "Motricidade humana — Uma nova ciência do homem". In: *Antologia de textos 24*. Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, Direção Geral dos Desportos, 1986.
- SILVA, Carlos B.R. "Da terra das primaveras à ilha do amor: *Reggae*, lazer e identidade em São Luís do Maranhão". Campinas, Unicamp, tese de mestrado, IFCH, 1992.
- TAFFAREL, Celi N.Z. e FRANÇA, Tereza L. "A mulher no esporte: O espaço social das práticas esportivas e de produção do conhecimento científico". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nº 3, Jan. de 1994, vol. 15.
- TAYLOR, Julie. "Flexibilidade na ideologia de gênero — O caso argentino". In: Franchetto (org.) *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- VEJA. Especial Mulher. São Paulo, Abril, ago./set. de 1994.
- WORTMANN, Klaas. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. Brasília, UnB, 1985, série Antropologia 50.

A CONSTRUÇÃO CULTURAL DO CORPO FEMININO OU O RISCO DE TRANSFORMAR MENINAS EM "ANTAS"

Jocimar Daolio*

Eu era professor de educação física de uma escola pública na periferia de São Paulo. Trabalhava, entre outras turmas, com uma mista, composta por alunos de 8ª série, que tinham em torno de 15, 16 anos de idade. A atividade proposta naquele dia foi um jogo de voleibol. Os times, mistos, foram divididos, e os jogos começaram, com os alunos revezando-se na única quadra da escola.

A aula daquele dia teria sido igual a tantas outras, não fosse pela reação de uma aluna ao errar uma bola fácil. Ao se ver incapaz de inclinar o corpo para o lado e receber um saque, ela disse, com um misto de desânimo e raiva: "Por que eu sou uma anta?"¹ Essa reação apareceu de forma contundente nesse dia, mas existia de forma velada em outras aulas, na medida em que as meninas percebiam que os meninos eram mais habilidosos do que elas em praticamente

* FEF — Unicamp.

1. Desconheço se a utilização do termo "anta", referindo-se a pessoas (principalmente mulheres) lentas, pesadas e descoordenadas é de uso nacional. Em São Paulo o uso é frequente em aulas de educação física e em quaisquer atividades físicas, sempre com um tom pejorativo e preconceituoso. A associação, provavelmente, deve-se ao peso do animal, que pode chegar a 180 quilos, e à sua consequente lentidão.

todas as atividades realizadas. Por trás da frase de uma menina, havia a reação de todas elas contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos. Era como se todas clamassem: "Por que nós, meninas, somos antes e os meninos não são?"

Evidentemente, estamos diante de uma questão muito maior do que uma mera ocorrência em aula de educação física. As meninas não se sentem "antas" somente nas aulas, mas também quando realizam atividades físicas nas suas horas de lazer. Estamos diante de um fato social, pontuado por uma história cultural que delegou às meninas brasileiras² a condição de "antas" quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza.

Sejam os justos: nem todas as meninas são inábeis, nem todos os meninos são hábeis. Existe uma enorme gradação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para as meninas quanto para os meninos. Além disso, essa gradação pode se modificar dependendo da atividade realizada. Ora, se a prática proposta na aula citada fosse uma coreografia de dança, talvez os meninos se sentissem "antas" (ou um outro animal qualquer), já que teriam provavelmente uma grande dificuldade em requebrar os quadris. Acredito, entretanto, que, na média, os homens são mais átrados fisicamente, arriscam mais, ousam mais que as meninas, o que os torna, também na média, menos propensos que elas a se tornar "antas".

Antes que os leitores não-machistas e todas as leitoras me abandonem, devo esclarecer meu referencial de análise, esboçado linhas acima. Estou considerando que há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade. O conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo, como já afirmava Marcel Mauss em seu clássico texto sobre as técnicas corporais. Esse antropólogo foi o primeiro a considerar o corpo como passível de uma análise cultural, já que cada sociedade faz um uso específico do seu corpo. Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade.³

2. Mesmo correndo o risco de uma generalização imprecisa, não pretendo neste trabalho diferenciar os vários tipos de meninas brasileiras. Reconheço que essas diferenças existem e podem ser grandes, mas entendo que o chamado "machismo" brasileiro delegou a todas as mulheres um papel inferior no que se refere às habilidades físicas, principalmente as esportivas.

3. No meu livro *Da cultura do corpo*, recém-lançado pela Papirus, há um aprofundamento da discussão do corpo como construção cultural. Há também um desenvolvimento das idéias de Marcel Mauss.

Essa característica diferencial do corpo de uma sociedade para outra pode ser comprovada facilmente quando se observam pessoas de procedências diferentes. Há um conjunto de hábitos que caracterizam um brasileiro, diferentes de um francês ou de um japonês. Pode-se detalhar ainda mais essa caracterização notando peculiaridades gestuais de um paulista, que podem ser diferentes das de um carioca ou de um mineiro, e assim por diante.

Pode ainda acontecer que um mesmo ato, realizado identicamente por dois grupos, tenha significados distintos. Olhar fixamente nos olhos do interlocutor pode significar respeito ou desrespeito, dependendo de onde esse comportamento é realizado. O característico gesto americano de "OK", no qual o polegar e o indicador tocam-se formando um círculo e os outros dedos estendem-se para cima, tem na nossa cultura uma conotação bem diferente.⁴

É nesse sentido que se pode afirmar que há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção do corpo masculino. Aliás, Marcel Mauss, no texto citado, já esboçava uma classificação das técnicas corporais, que incluía o sexo como um dos critérios dessa divisão.

Parece óbvio afirmar que o corpo feminino é construído diferentemente do corpo masculino. Não pretendo aqui propor que haja uma construção idêntica dos corpos de homens e mulheres. As diferenças sempre existiram na nossa sociedade e existem em qualquer sociedade do mundo. Outra questão: essas diferenças dizem respeito também ao aspecto biológico, chegando até a motivações e interesses de um e de outro sexo para atividades específicas. Além disso, quando a discussão se refere à cultura, deve-se considerar que o processo não é sempre consciente e uma mudança, embora possível e desejada, é lenta e gradual, sem uma linearidade e uma seqüência previsíveis.

Não se trata de igualar homens e mulheres no que se refere ao uso do corpo.⁵ Trata-se — e este é o objetivo deste trabalho — de, inicialmente,

4. Para uma discussão mais aprofundada sobre a conotação e a denotação, processos que dizem respeito à lógica dos significados, sugiro o livro *Filosofia em nova chave*, de Suzanne Langer, sobretudo o Capítulo 3, "A lógica dos signos e símbolos". Sugiro também o texto "O corpo liberado?", de José Carlos Rodrigues. As referências bibliográficas estão no final do texto.

5. Essa é justamente a crítica mais contundente que o chamado "feminismo" tem recebido. Ao se rebelar contra o poder do "machismo", algumas militantes do "feminismo" passaram a reivindicar os mesmos direitos para as mulheres, acreditando na falsa premissa de que fazer as mesmas coisas é condição para a igualdade entre homens e mulheres.

compreender que as diferenças motoras entre meninos e meninas são, em grande parte, construídas culturalmente e, portanto, não são naturais, no sentido de serem determinadas biologicamente, e, conseqüentemente, irreversíveis. Em segundo lugar, pretendo discutir o papel da educação física escolar nesse processo. Em vez de desconsiderar o tema, os professores deveriam proporcionar oportunidades a todos os alunos de praticar atividades físicas de acordo com seus interesses e compreendendo seu significado. Parece que as aulas têm feito isso somente em relação aos meninos, relegando às meninas o papel de "antás".

Mas ainda é precoce discutir as aulas de educação física. Quero esclarecer as diferenças entre homens e mulheres no que se refere às habilidades motoras, utilizando exemplos de nossa vida diária que, por certo, todos vivenciamos.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e alívio de um macho que vai dar seqüência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carinho de rolemã, *skate*, bolinha de gude, bicicleta, taco etc.), porque, segundo as mães, se ficar em casa vai atrapalhar.

Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar. Portanto, devem ficar em casa, a fim de ser preservadas das brincadeiras "de menino" e ajudar as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães.

Esses hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornando um sexo mais hábil do que outro em termos motores. No caso brasileiro, os meninos tornaram-se mais habilidosos e as meninas, "antás". O mais interessante, entretanto, é que as diferenças entre homens e mulheres estão tão arraigadas na dinâmica cultural de nossa sociedade que não bastam uma conscientização do processo e um desejo de mudança para uma efetiva transformação da realidade. A transmissão de hábitos e valores culturais é realizada por meio de um processo de imitação prestigiosa (Maus

1974). Em outras palavras, a criança imita procedimentos que obtiveram êxito em pessoas que lhe são importantes. O prestígio social da pessoa que realiza um ato qualquer provoca uma imitação na criança. Em termos práticos, isso significa que a atitude dos pais é dotada de alta eficácia simbólica perante seu filho, que tenderá a imitá-la. Esse processo, obviamente, ocorre de forma mais contundente em crianças menores.

Por meio desse processo de imitação prestigiosa é possível perceber a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural. Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de "machona" pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de "bicha" ou "efeminado". Tanto para o menino como para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza. São tidos como rebeldes. Não resta dúvidas de que é mais cômodo cumprir os ditames sociais e, assim, ser valorizado como uma pessoa bem-sucedida.

Não quero transmitir a idéia de que a cultura nos molda e de que nada há para fazer senão cumprir as regras sociais passivamente. Na verdade, o termo "cultura" vem se mostrando árido na medida em que dá uma idéia de um "super poder sobre nossas cabeças". Há uma tendência hoje em se usar o termo "dinâmica cultural" (Durham 1977), cuja vantagem reside no fato de apresentar um processo mais vivo e de mão dupla. De fato, se a cultura influencia no comportamento humano, quem produz e transforma a cultura cotidianamente são os homens.

Falando da tradição cultural, eu pretendo rechaçar uma idéia tão precipitada quanto ingênua de que basta a conscientização a respeito de nossos erros para a transformação de nossos atos. No caso da discussão sobre a construção cultural do corpo feminino, bastaria somente conscientizar nossas alunas e seus pais para deixarmos de ter "antás" em nossas aulas. Entendo que a conscientização a respeito desse processo de construção cultural do corpo é uma condição necessária, mas não suficiente para a transformação do quadro atual. É preciso mais que isso. É preciso uma compreensão das representações associadas ao corpo da mulher.

Eu diria que muitos pais ainda preferem ter uma filha "anta", em vez de uma filha que jogue futebol ou suba em árvores. Arriscaria dizer também que

muitas "antas" não manifestam revolta contra sua condição ao longo de toda vida, como fez minha aluna, citada no exemplo no início do texto. Diria ainda que muitos professores — inclusive de educação física — consideram natural as meninas serem "antas".

Vê-se que a questão é muito profunda e sua resolução, difícil. Na verdade, parece haver em nossa sociedade um processo de "antalização" sobre as meninas, da mesma forma que parece haver um processo que transforma os meninos em verdadeiros "trogloditas". Esses processos complementares, como vimos, são dotados de prestígio social, já que são compreendidos pelos pais e professores, e usufruídos pelas crianças.

A educação física e a criação de "antas"

Se o leitor me permite, começo esta seção com um outro relato de minha experiência docente, na tentativa de ilustrar os temas que estou desenvolvendo.

Após uma aula para uma turma feminina de 6ª série, uma menina, até então feliz pela sua atuação, percebeu que estava suada e começou a sentir nojo do próprio corpo, dizendo algumas frases que minha memória perdeu ao longo do tempo. Lembrou-me bem da transfiguração do seu rosto. Quando "esqueceu" sua condição de mulher (limpa e cheirosa), ela pôde brincar e sentir-se feliz. Quando "lembrou" seu papel sexual cultural, ela repeliu seu corpo sujo e suado.

Com esse exemplo, pretendo discutir as aulas de educação física e sua tendência histórica em contribuir com a transformação de meninas em "antas". Se a sociedade tem determinado um papel inferior às mulheres no que se refere às habilidades motoras, por outro lado esse papel, por ser fruto de uma construção cultural, é passível de alterações. Se os pais reforçam a condição de "antas" de suas filhas, cabe aos professores de educação física começar a discutir esse tema em suas aulas. Se há uma tradição social que reproduz a inabilidade motora das mulheres, os professores também possuem prestígio social para iniciar um processo de revisão desses conceitos.

Entretanto, temos todos um longo trabalho pela frente. Cardoso (1994) afirma acertadamente que a ação do professor de educação física, por mais progressista que seja, ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e o feminino, "(...) prosseguindo a atual ação pedagógica a limitar o pleno desenvolvimento motor dos indivíduos" (p. 267).

Elaine Romero (1990 e 1994) desenvolveu uma pesquisa com professores de educação física buscando observar se os mesmos apresentavam estereótipos masculinos e femininos quando se reportavam a seus alunos. Apresentou a eles uma lista de adjetivos, pedindo que manifestassem concordância ou discordância em relação ao sexo. Os resultados foram interessantes e confirmaram o estereótipo sexual dos professores. Os alunos do sexo masculino tiveram os seguintes adjetivos considerados pelos professores como adequados ao seu sexo: agressivo, ativo, autoritário, capaz, dedicado ao lar, delicado, esportivo, forte (fisicamente), independente, líder e machista. Às meninas, foram associados os seguintes adjetivos: atraente, decidida, elegante, meiga, responsável, sensível, vaidosa.

Vê-se que os professores de educação física sentem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e começar a propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um.

O que parece mascarar essa dificuldade dos professores é sua concepção biológica tanto sobre o corpo quanto sobre a própria área em que atuam. Essa concepção muitas vezes apresenta-se de forma implícita na sua ação profissional, porque se trata de representações sociais que dão suporte e orientam a prática desses professores, muitas vezes inconscientes para eles (Daolio 1994 e 1995).

Nesse sentido, a tendência do professor, quando uma aluna pergunta por que ela é "anta" ou quando outra sente nojo de seu corpo por estar suada, é de considerar esses fenômenos como naturais. Sendo biologicamente determinados, nada há a fazer senão nos conformarmos com o destino. Nessa concepção, a atitude das alunas seria apenas uma reação contra um processo natural.

Entretanto, a postura dos professores de educação física pode ser outra. Se começarem a compreender que o corpo não é apenas determinado biologicamente, mas construído culturalmente por causa de valores sociais, poderão concluir que ele (corpo) não está pronto e talvez nunca esteja. Se, por um lado, há um patrimônio biológico que sempre apresentou diferenças entre homens e mulheres, por outro lado, há uma contínua transformação no uso social desses corpos, uso esse que não precisa necessariamente gerar diferenças tão gritantes. Em outras palavras, o professor de educação física está continuamente influenciando na construção cultural do corpo de seus alunos. Resta saber se ele está atento a essa importante tarefa.

Pierre Furter (1975) ajuda-nos nessas reflexões afirmando que a dinâmica corporal dos adolescentes não é apenas fruto de um processo biológico. Diz ele:

Se a dinâmica corporal não pode nascer apenas do desenvolvimento fisiológico, então as incapacidades dos adolescentes não representam uma infelicidade; são o sinal de uma aprendizagem mal sucedida. (p. 25)

O autor não está falando das diferenças motoras entre meninos e meninas, mas dos adolescentes em geral. Entretanto, sua contribuição é pertinente porque desloca a ênfase que a educação física sempre deu aos determinantes biológicos para justificar o comportamento motor dos alunos. Quantas vezes ouvimos professores explicando uma *performance* motora de um aluno somente por meio de processos biológicos naturais, desconsiderando toda a gama de influências culturais, políticas e econômicas! Como se os alunos fossem dotados geneticamente de todos os atributos que se referem ao seu comportamento. Nessa linha de pensamento, os meninos seriam mais dotados que as meninas.

Com um enfoque semelhante, Cardoso (1994) sugere que a educação física busque ações que venham a desconstruir o que ele chamou de “naturalização extrema” em relação à questão dos papéis sexuais, em que cada um seria igual a todos, embora se respeitando as diferentes potencialidades e os interesses individuais.

Aí está, na minha opinião, a difícil tarefa para os professores de educação física: respeitar as diferenças entre meninos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos os alunos as mesmas oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras. Pender para um extremo seria respeitar as diferenças entre os sexos, achando que elas são naturais e, portanto, não devem ser contrariadas. Estaria reforçando-se a falsa idéia de que os meninos são mais dotados e as meninas são “antas”. Pender para outro extremo seria propiciar a todos as mesmas oportunidades em termos motores, querendo que os resultados de meninos e meninas sejam idênticos. Estaria impondo-se uma igualdade inexistente.

Nem igualdade forçada, nem desigualdade justificada por processos naturais. Na verdade, seria prudente abandonar o binômio igualdade/desigualdade como critério para analisar a questão das diferenças sexuais nas aulas de educação física, sob o risco de se considerar meninas como “menos iguais” aos

meninos ou, em outras palavras, inferiores a eles. Soares e Goellner (1994) afirmam que homens e mulheres, embora apresentem caracteres comuns ao gênero humano, apresentam também singularidades que demarcam a distinção entre os indivíduos e deveriam afirmar uma relação de alteridade e não de desigualdade.

Foi a antropologia a ciência que se debateu com a questão da diferença entre os homens. Se há uma unidade humana que faz com que todos os indivíduos do mundo façam parte da mesma espécie, há também a certeza constatada de que homens se expressam culturalmente de maneiras absolutamente diversas. Houve época em que a antropologia considerava homens diferentes como desiguais, chamando de primitivo quem não possuísse as características ditas civilizadas da Europa do século XIX. Era a antropologia evolucionista, que, pautada no etnocentrismo, achava que todos os homens eram iguais, apresentando apenas ritmos de desenvolvimento diferentes (Laplantine 1988).

Se a biologia diz que os homens são semelhantes apesar de suas diferenças, a antropologia afirma que os homens são diferentes apesar de suas semelhanças. A educação física poderia valer-se de alguns conceitos da antropologia para resolver sua dificuldade histórica em lidar com as diferenças em suas aulas.⁶

Unidade e pluralidade: dois lados da mesma moeda humana. Há que se buscar a diferença. Sem, no entanto, esquecer que elas não são tão diferentes assim que não permitam comparações e atuações conjuntas. E sem esquecer também que elas não são tão homogêneas assim que permitam uma comparação rápida e precipitada. A regra é diferenciar para comparar. Ou, se quiserem, comparar para diferenciar.

Voltando à questão das “antas”, devo afirmar que vislumbro uma educação física escolar sem preconceitos, que propicie a todos e a cada um o pleno desenvolvimento de suas habilidades motoras. Se essas habilidades motoras foram historicamente delegadas preferencialmente a um sexo, que haja espaço nas aulas para a discussão desses privilégios e, se for o caso, que se inicie a transformação desses valores a partir das aulas. Vislumbro uma prática escolar de educação física que faça da diferença entre os alunos condição de sua

6. No meu livro *Da cultura do corpo*, defendo uma educação física plural que se propõe a considerar as diferenças existentes entre os alunos.

igualdade, em vez de ser critério para justificar a subjugação de uns pelos outros. Dessa forma, meninos e meninas poderão fazer aulas conjuntamente sem nenhum tipo de constrangimento, e a educação física não estará mais contribuindo para a criação de "antas" nem de "trogloditas".

Bibliografia

- CARDOSO, FL. "O gênero e o movimento humano". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nº 3. 1994, vol. 15, pp.265-268.
- DAOLIO, J. "A representação do trabalho do professor de educação física na escola: Do corpo matéria-prima ao corpo cidadão". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nº 2. 1994, vol. 15, pp.181-186.
- _____. *Da cultura do corpo*. Campinas, Papirus, 1995.
- DURHAM, E.R. "A dinâmica cultural na sociedade moderna". In: *Ensaio de Opinião* nº 4. 1977, pp.32-35.
- FURTER, P. *Juventude e tempo presente: Fundamentos de uma pedagogia*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- LANGER, S. *Filosofia em nova chave*. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1989.
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU/Edusp, 1974, 2 vol.
- RODRIGUES, J.C. "O corpo liberado?" In: I. Strozenberg (org.) *De corpo e alma*. Rio de Janeiro, Comunicação Contemporânea, 1987.
- ROMERO, E. "Estereótipos femininos e masculinos em professores de educação física". Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da USP, 1990, 375 p.
- _____. "A educação física a serviço da ideologia sexista". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nº 3. 1994, vol. 15, pp. 226-234.
- SOARES, C.L.; GOELLNER, S.V. "O elogio à diferença: O avesso da segregação". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* nº 3. 1994, vol. 15, pp. 263-264.

MULHER, IDENTIDADE FRAGMENTADA

Maritza Maffei da Silva*

O jogo da dominação

Sempre que se discutem questões relacionadas à condição da mulher, acontecem reações apaixonadas. É um tema que não permite indiferença, modorra ou neutralidade.

Assunto polêmico, em suas implicações multi e interdisciplinares tem desdobramentos ideológicos que perpassam pela linguagem (semântica), pela antropologia, pela música popular, pela psico-história, pela sociologia, pela filosofia, pela psicanálise, pelo ordenamento jurídico, pela religião e pela medicina.

Somos produtos da civilização judaico-cristã, e ficam claras no Velho Testamento, no Livro de Gênesis, quando da lenda da formação do homem e da mulher, as duas formas diferenciadas da criação de um e de outro.

* Professora de sociologia geral e sociologia do direito; mestranda em filosofia — Universidade Federal de Santa Maria (RS).